

AMAZÔNIA

Resíduo tecnológico preocupa

Edição de 02/03/2010

Os restos de televisão, aparelhos de som e monitores de computador espalhados pelas esquinas, canais e terrenos baldios de Belém deixam claro que a capital se enquadra entre as cidades que passam pelo fenômeno da febre de consumo sem saber lidar com a quantidade de lixo que esse tipo de comportamento produz. O chamado resíduo ou lixo eletrônico, caracterizado, principalmente, pela troca de antigos equipamentos por equipamentos mais modernos, é hoje uma séria ameaça à saúde pública.

Em qualquer lugar que for descartado, seja nos lixões legalizados ou nas esquinas das ruas e beiras de canais, esse tipo de utensílio libera elementos como mercúrio, cádmio, berílio e chumbo, todos altamente nocivos para a saúde humana. Especialistas ouvidos pela reportagem garantem que a falta de uma regulamentação legal é o principal entrave para que esse tipo de material receba um destino adequado.

"Na ausência de uma legislação que regulamente a coisa em todo o País, cada Estado corre contra o tempo para criar sua própria política voltada para o assunto. Sendo assim, corremos o risco de ter 27 leis diferentes sobre o assunto. Já pensou a loucura que seria?", argumenta o diretor de Responsabilidade Socioambiental da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), André Luis Saraiva.

Assim como a regulamentação, falta também informação e opções sobre como e onde armazenar o lixo eletrônico gerado dentro de casa. Numa rápida abordagem, a reportagem constatou que, de dez pessoas entrevistadas na avenida Nazaré, apenas duas demonstraram preocupação com o destino dado a esse tipo de material. Todas elas, no entanto, apontaram a falta de opção de locais adequados como principal motivo para que uma quantidade tão grande de lixo tecnológico seja despejado pelas ruas da cidade.

A Prefeitura de Belém, por meio da Secretaria Municipal de Saneamento (Sesan), informa que não é de responsabilidade dela o recolhimento desse tipo de material. Segundo o órgão, as empresas que hoje produzem pilhas e baterias têm a obrigação legal de garantir o recolhimento desse material tão logo chegue ao fim seu tempo de vida útil. Quanto ao chamado lixo eletrônico, o aterro sanitário do Aurá continua sendo o destino para todo entulho recolhido pela prefeitura ou descarregado por empresas especializadas.

Pilhas e baterias exigem atenção especial

Mais perigoso que o lixo tecnológico são as substâncias liberadas por pilhas, baterias e afins descartados pela população junto ao lixo doméstico. Segundo a Abinee, o Brasil produz hoje cerca de 800 milhões de pilhas secas (formada por zinco-carbono) e alcalinas (composta, basicamente, por hidróxido de potássio ou de sódio-zinco). Em Belém, são raros os pontos onde é possível descartar esse tipo de material. Em geral, o lixo colocado na porta de casa é o destino mais comum para esse tipo de objeto.

Num dos pontos de coleta de pilhas e baterias, na agência do Banco Real da avenida Nazaré, cerca de 250 unidades, entre pilhas e baterias, são arrecadadas mensalmente. Bem ao lado, numa farmácia da rede Pague Menos, uma coleta de pilhas, plástico que armazenam medicamentos e vidro foi montada. "Como ainda não fechamos o mês da coleta, fica difícil falar sobre quantidade. Mas a procura tem sido intensa e, apesar da pouca divulgação do ponto, muita gente acaba sabendo por outras pessoas sobre a iniciativa", explica a gerente da farmácia, Karina Miranda.

A dona de casa Ivone Silva foi à farmácia para descartar três pilhas que guardava em casa. O pouco estudo, segundo ela, não permite um entendimento mais preciso sobre as consequências de jogar esse tipo de material no lixo comum. A única coisa que ela entende é que um erro gera outro. "A única coisa que entendo é que o material que possui aqui (na pilha) pode comprometer a saúde de várias pessoas, inclusive do meu próprio filho. Por isso eu procuro andar um pouco para jogar a pilha no lugar certo. Assim todo mundo ganha", complementa.

O estudante Milton Fernandes segue os mesmos passos. Consciente de que as pilhas são dotadas de substâncias que comprometem o organismo humano, ele alerta: "É necessário criar mais pontos como esse (de coleta seletiva) na cidade. Muitas vezes o cidadão até que não tem a intenção de jogar pilhas e baterias no lixo comum, mas acaba fazendo isso porque não tem outra opção", opina.

Estudos recentes mostram que uma pilha pode levar séculos para se decompor na natureza. Pior que isso é saber que os metais pesados nunca se degradam. Em contato com a umidade, água, calor ou outras substâncias químicas, os componentes tóxicos vazam e contaminam tudo o que estiver ao alcance, especialmente o solo, a água, as plantas, os animais e as pessoas. Numa região como Belém, onde as chuvas são constantes, as substâncias liberadas pelas pilhas e baterias descartadas irregularmente unem-se à água e penetram no solo até as águas subterrâneas, atingindo córregos e riachos. Num efeito dominó, a água contaminada atinge a cadeia alimentar humana por meio da produção agrícola ou do consumo direto.

Mercado pirata coloca as autoridades sanitárias em alerta

Outro problema que tem despertado a atenção das autoridades sanitárias e das instituições regulamentadoras é o comércio de pilhas piratas no Brasil.

De acordo com informações da Abinee, cerca de 40% das pilhas vendidas no País são ilegais. Fabricadas com teores de metais pesados - cádmio, chumbo e mercúrio - até sete vezes superiores aos permitidos pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), as pilhas irregulares, de uso doméstico, vazam com facilidade e oferecem ainda mais riscos à saúde.

Segundo a resolução 257/99 do Conama, desde 1º de janeiro de 2000, pilhas e baterias fabricadas, importadas e comercializadas no Brasil devem ter até 0,025% em peso de mercúrio, até 0,025% em peso de cádmio e até 0,4% em peso de chumbo quando forem do tipo zinco-manganês e alcalina-manganês, comumente usadas em rádios, brinquedos, câmeras, calculadoras e telefones. A mesma resolução determina que, desde janeiro de 2001, os padrões devem ser ainda menores: respectivamente 0,01%, 0,015% e 0,02%.

Dicas

Colocar pilhas na geladeira não aumenta a carga, ao contrário, quando expostas ao frio ou calor o desempenho pode piorar;

Na hora de trocá-las em um equipamento, substitua todas ao mesmo tempo;

Retire-as se o aparelho for ficar um longo tempo sem uso, pois podem vazar;

Não misture pilhas diferentes (alcalinas e comuns; novas e usadas). Isso prejudica o desempenho e a durabilidade;

Prefira as pilhas e baterias recarregáveis ou alcalinas. Apesar de custarem um pouco mais, têm maior durabilidade;

Guarde as pilhas em local seco e em temperatura ambiente;

Nunca guarde pilhas e baterias junto com brinquedos, alimentos ou remédios;

Não exponha pilhas e baterias ao calor excessivo ou à umidade. Elas podem vazar ou explodir;

Pelas mesmas razões, não as incinere e, em hipótese alguma, tente abri-las;

Nunca descarte pilhas e baterias no meio ambiente e não deixe que elas se transformem em brinquedo de crianças;

Evite comprar aparelhos portáteis com baterias embutidas não removíveis;

Compre sempre produtos originais;

Nunca use pilhas e baterias piratas.

Fonte: Amazônia Jornal - <http://www.orm.com.br/amazoniajornal/interna/default.asp?modulo=222&codigo=459246>